

um conto de terror

A CASA

No fim da estrada

MARIANE OLIVEIRA

. AVISO LEGAL E DIREITOS AUTORAIS
ESTE CONTEÚDO FOI IDEALIZADO E
DESENVOLVIDO PELA AUTORA MARIANE
OLIVEIRA E ENCONTRA-SE PROTEGIDO
PELAS LEIS DE DIREITOS AUTORAIS. É
EXPRESSAMENTE PROIBIDA A CÓPIA,
REPRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO, VENDA OU
QUALQUER FORMA DE COMERCIALIZAÇÃO
DESTE MATERIAL SEM AUTORIZAÇÃO
PRÉVIA E POR ESCRITO DA AUTORA.
TODAS AS INFORMAÇÕES, MÉTODOS,
EXEMPLOS E ORIENTAÇÕES AQUI
APRESENTADOS SÃO FRUTO DE SUA
MENTORIA, COM APOIO DE
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL APENAS PARA
REVISÃO E MELHORIA TEXTUAL, POR
MEIO DA PLATAFORMA DE SITES
WEBNODE. AO ACESSAR ESTE CONTEÚDO,
VOCÊ DECLARA ESTAR CIENTE DE QUE
QUALQUER USO INDEVIDO PODERÁ
RESULTAR EM MEDIDAS LEGAIS
CABÍVEIS, PRESERVANDO A
INTEGRIDADE E ORIGINALIDADE DO
TRABALHO DA AUTORA.
AS IMAGENS DE FOTOS FORAM
SELECIONADAS NA PLATAFORMA DE
DESIGN GRÁFICO [CANVA.COM](https://www.canva.com), APENAS
PARA FINS ILUSTRATIVOS. AS PESSOAS
MOSTRADAS NAS IMAGENS NÃO SÃO
MODELOS.

BEM-VINDO AO HISTÓRIAS DE
CONTOS DE TERROR, UM
LUGAR DEDICADO A TRECHOS
RÁPIDOS, INTENSOS E
ASSUSTADORES. AQUI VOCÊ
ENCONTRA MICROCONTOS
SOMBRIOS, IDEAIS PARA LER
NO ESCURO, ANTES DE
DORMIR OU COMPARTILHAR
COM AMIGOS QUE ADORAM UM
BOM SUSTO. CADA PARÁGRAFO
É PENSADO PARA CRIAR
TENSÃO EM POUCAS LINHAS,
DEIXANDO SUA IMAGINAÇÃO
COMPLETAR O HORROR. VOLTE
SEMPRE PARA DESCOBRIR
NOVOS FRAGMENTOS DE
PESADELOS, CASAS MAL-
ASSOMBRADAS, SUSSURROS NO
CORREDOR E CRIATURAS QUE
SE ESCONDEM LOGO ALÉM DA
LUZ.



A estrada de terra terminava diante de uma casa que não constava em nenhum mapa. Lucas só a encontrou porque o GPS enlouqueceu, girando a seta em círculos até congelar exatamente ali. Chovia fino, e o céu parecia baixo demais, como se o mundo tivesse encolhido em torno daquela construção de madeira escura, com janelas cegas e um alpendre que rangia ao menor sopro de vento.

Ele estava perdido há horas, o tanque quase vazio, o celular sem sinal. A luz amarelada que escapava por uma fresta da porta parecia um convite e uma ameaça ao mesmo tempo. Ainda assim, o frio e o cansaço venceram o instinto. Lucas subiu os três degraus, cada um gemendo como se reclamasse da presença de alguém vivo ali.

Bateu na porta. O som ecoou pela casa como se fosse muito maior por dentro do que aparentava por fora. Ninguém respondeu. Quando se virou para descer, a maçaneta girou sozinha, emitindo um clique suave. A porta se abriu alguns centímetros, revelando um corredor estreito, iluminado por uma luz trêmula, como de vela.

- Tem alguém aí? - ele perguntou, a voz mais baixa do que pretendia.

Silêncio. Apenas o som da chuva ficando mais distante, como se a casa abafasse o mundo exterior. Lucas respirou fundo e entrou, empurrando a porta, que se fechou atrás dele com um estalo seco. Tentou girar a maçaneta de novo, mas ela não cedia, fria como metal enterrado na neve.

O corredor cheirava a madeira úmida e algo mais, um odor doce e rançoso que lembrava flores velhas em um velório esquecido.

Quadros antigos alinhavam as paredes, retratos em preto e branco de pessoas que não sorriam. Seus olhos pareciam acompanhá-lo, escuros demais para simples fotografias.

Ao fundo, uma luz mais forte escapava de uma porta entreaberta. Lucas caminhou até lá, sentindo o piso ceder levemente sob seus passos. A cada passo, o rangido parecia formar palavras, sussurros que ele não conseguia entender, mas que o deixavam arrepiado.

Empurrou a porta e encontrou uma sala de estar congelada no tempo. Um sofá gasto, uma poltrona rasgada, uma lareira apagada coberta de cinzas antigas. Sobre a mesa de centro, uma vela acesa queimava com uma chama quase imóvel, como se o ar ali dentro não se atrevesse a se mexer. Ao lado da vela, um relógio de bolso aberto marcava meia-noite, mas o ponteiro dos segundos girava rápido demais, completando voltas frenéticas.

- Olá? - insistiu.

Dessa vez, ouviu uma resposta. Não uma voz clara, mas um coro abafado, vindo de todos os cantos da casa, como se as paredes murmurassem ao mesmo tempo. Ele não entendeu as palavras, mas sentiu o significado: Fique.

O celular vibrou no bolso. Surpreso, Lucas o tirou, esperando ver algum sinal de vida digital. A tela, porém, mostrava apenas uma notificação nova: uma foto recebida de um número desconhecido. Com o coração acelerado, ele abriu a imagem.

Era a sala em que estava,
vista de cima, como se
alguém tivesse tirado a foto
do teto. Lá estava ele,
parado ao lado da mesa,
olhando para o celular.
Atrás de sua figura, porém,
havia sombras. Muitas
sombras. Silhuetas humanas,
contornando as paredes,
todas voltadas para ele. Na
vida real, quando levantou
os olhos, não havia
ninguém.

O relógio de bolso tilintou, fechando-se sozinho. A chama da vela vacilou e se alongou, projetando sombras distorcidas que pareciam se esticar em sua direção. Lucas deu um passo para trás e esbarrou em algo macio. Virou-se rápido, mas não havia nada ali. Ainda assim, sentiu claramente a sensação de ter tocado um corpo frio.

O corredor atrás dele agora parecia mais escuro. A luz que vinha da porta pela qual entrara na sala diminuía, como se a escuridão estivesse sendo derramada ali dentro. Ele decidiu que era hora de ir embora, mesmo que tivesse que dormir no carro, mesmo que ficasse sem gasolina no meio do nada.

Ao tentar voltar, percebeu que o corredor não era mais o mesmo. Em vez de uma linha reta até a porta de entrada, havia agora uma sequência de portas idênticas, todas fechadas, todas com a mesma maçaneta de metal escurecido. A casa havia mudado.

- Isso não é possível... -
murmurou.

Uma das portas se abriu sozinha, revelando um quarto infantil. Paredes azuis descascadas, um berço vazio, um móbile parado no ar, como se o tempo tivesse sido interrompido no meio de um balanço. No chão, um urso de pelúcia sem olhos encarava o nada.

Lucas recuou, mas outra porta se abriu à sua esquerda. Um banheiro com o espelho embaçado, embora não houvesse vapor algum. No vidro, letras surgiam lentamente, como se um dedo invisível as desenhasse por dentro:

VOCÊ CHEGOU TARDE.



CLIQUE E COMPRE EBOOKS

Talvez você goste
deste livro

SAIBA MAIS